

NOTAS SOBRE A LITERATURA ALEMÃ DO SÉCULO XVIII: O *STURM UND DRANG*

NOTES ON GERMAN LITERATURE OF THE 18TH CENTURY: THE *STURM UND DRANG*

Pâmela Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v2i1.61>

Recebido em: 28.05.2024

Aceito em: 17.07.2024

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões sobre o surgimento da literatura na Alemanha do século XVIII. Teremos como base Otto Maria Carpeaux e sua obra *História concisa da literatura alemã*. Destacando principalmente o movimento *Sturm und Drang*- “*Tempestade Ímpeto*”, alguns nomes se destacam, como Hamann, Herder, Lenz e, sobretudo, Goethe e Schiller. Conhecido também como pré-romantismo, os jovens poetas e filósofos tinham um profundo desejo e admiração pelo mundo helênico. Como veremos, serão caracterizados pelo forte desejo de expurgar os sentimentos, emoções, exaltar a arte, a literatura, o poema e o gênio. Nesse período, o espírito alemão aspirava por algo inédito, único e de grande impacto. Nesse sentido, é um período de grande relevância para compreendermos a relação entre a filosofia e as artes em geral, pois foi nesse período que a relação foi intensificada. Em suma, é contra o racionalismo exacerbado que os alemães buscaram a “paixão é o ímpeto — *Drang*, que se espelha no íntimo da alma humana a tempestade, *Sturm*”.

Palavras-chave: *Sturm und Drang*; Literatura alemã; Goethe; pré-romantismo.

Abstract: The aim of this paper is to present some reflections on the emergence of literature in 18th century Germany. It will be based on Otto Maria Carpeaux and his Short History of German Literature. We'll focus mainly on the *Sturm und Drang* movement, and some names stand out, such as Hamann, Herder, Lenz, and especially Goethe and Schiller. These young poets and philosophers, also known as the Pre-Romantics, had a deep desire and admiration for the Hellenic world. As we shall see, they were characterized by a strong desire to purify feelings and emotions and to glorify art, literature, poetry, and genius. In this period, the German spirit aspired to something unprecedented, unique, and of great impact. In this sense, it is a period of great importance for understanding the relationship between philosophy and the arts in general, because it was during this period that the relationship was intensified. In short, it was against aggravated rationalism that the Germans sought the “passion is the impulse - *Drang*, which is reflected in the depths of the human soul by the storm, the storm”.

Keywords: *Sturm und Drang*; German literature; Goethe; pre-romanticism.



*É certo, em todo caso,
que neste mundo não há
coisa mais necessária
ao homem do que o amor (...)*

Goethe

O Sturm und Drang

Sem dúvidas, o século XVIII foi um dos maiores períodos de contribuição para a formação de uma cultura genuinamente alemã. Em meados de 1770, a Alemanha vivenciou um movimento que surgiu principalmente por influência da França, e um dos principais nomes franceses que aparece entre os alemães foi o de Jean-Jacques Rousseau e não podemos esquecer da Inglaterra com Young, Wood e “Ossian”.

Os alemães desse século buscaram criar uma cultura única e grande, primeiramente voltando o olhar para os gregos, para a arte e ao poético. Tampouco poderiam imaginar que esse desejo único e avassalador no século XX, com a supervalorização da racionalidade, provocaria diversas tragédias e abominações que deixariam marcas em toda a Alemanha.

A principal face do movimento literário do século XVIII, pode ser entendida como um violento impulso irracionalista de luta contra a ilustração e os cânones classicistas da literatura francesa. Os pré-românticos se caracterizam pelo forte desejo da imediata expurgação dos sentimentos, emoções, exaltação da arte, literatura, poema e *ao gênio*. Nesse período, o espírito alemão ansiava por algo novo, único e arrebatador; o que despertou nos jovens poetas e filósofos um forte desejo e tendência em admirar o mundo helênico. Houve uma intensa exaltação da sensibilidade e entrega à natureza, inspirados na peça teatral do pré-romântico Klinger. Este movimento foi chamado de *Sturm und Drang* — “*Tempestade Ímpeto*”, alguns nomes tiveram destaques na Alemanha, como o de Hamann, Herder, Lenz, e principalmente os jovens Goethe e Schiller. Poucas páginas não dariam conta de todo o período. Nesse sentido, visamos enfatizar alguns dos principais destaques. Teremos por base a obra de Otto Maria Carpeaux *História concisa da literatura alemã*.

De certo modo, “chegou atrasado, sujeito a várias influências estrangeiras” (CARPEAUX, 2013, p. 55) na Alemanha. Uma das obras que repercutiram em solo alemão foi *Pamela e Clarissa*, do escritor inglês Samuel Richardson, também escrito de forma epistolar, mas que foi ultrapassada pela descoberta de Shakespeare. Esse período é de eloquência e de revolta contra o racionalismo, colocando em evidência o sentimentalismo. Como enfatiza Otto Maria Carpeaux:

[...] Ora choroso, ora violento, que enfim se tornou mentalidade dominante, irracionalista, protestando em nome da religião contra o materialismo dos livres-pensadores e em nome da poesia contra o racionalismo. Parece, portanto, movimento reacionário contra o progressismo do século XVIII. Mas, é na verdade, uma reação revolucionária contra a estreiteza da vida dos intelectuais sob o absolutismo mesquinho do *Ancien Regime na Alemanha*: contra a arbitrariedade e o luxo bárbaro das cortes [...] (CARPEAUX, 2013, p. 54).

Um movimento do não, um modo de dizer não – reacionário como afirma Otto Carpeaux,

até porque os românticos buscavam fugir do absolutismo do antigo regime. Pedro Sussekind em *Shakespeare o Gênio Original* expõe que o movimento possuía como norte a noção de *gênio*. O conceito de *gênio*, pode ser entendido como a consideração do talento artístico natural que emana no sujeito. Podemos aqui afirmar que os românticos, de certa forma, fagocitam deus. Goethe em *Werther*, afirma na carta 18 de agosto, do primeiro livro: “tomado pela emoção transbordante, sentia-me como um deus, e as imagens maravilhosas deste mundo infinito invadiam e vivificam a minha alma” (GOETHE, 1998, p. 65). O indivíduo é enaltecido, e torna-se uma divindade, com sua singularidade e individualidade, contra qualquer regra e padrão. O ser humano passa a viver de acordo com suas paixões. Um bom exemplo, é lembrarmos da exaltação de Shakespeare entre os alemães desse período, visto por Lessing como *gênio*. O conceito originou-se de acordo com a influência de dois ingleses, Edward Young e Robert Wood. Suas obras, circularam mais entre os alemães do que na Inglaterra, foram lidas por Herder e seus contemporâneos. Segundo Anatol Rosenfeld em seu livro *Autores pré-românticos*, os românticos exaltaram a emancipação anárquica do indivíduo; isso possibilitou a ruptura e conflito com regras sociais pré-estabelecidas, e *gênio* significava o porta-voz de esferas mais altas, um mensageiro divino, herói colossal, mediador do infinito. É aquele que não imita a natureza, mas se revela como criador – como Deus e a natureza. Entrementes, o movimento rompeu com os padrões e regras defendendo a liberdade do indivíduo, contra as ideias iluministas de igualdade e liberdade, buscando a singularidade e originalidade dos indivíduos na sociedade.

Neste período podemos destacar Goethe e Schiller. Goethe é um dos mais renomados escritores alemães. Não foi reconhecido como filósofo, mas isso não o desqualifica para refletir filosoficamente. Goethe afirma sobre seu nascimento em *De minha vida Poesia e Verdade* “vim ao mundo na cidade de Frankfurt, à margens do rio Meno, aos vinte e oito dias de agosto de 1749, quando os sinos dobravam a décima segunda badalada do meio dia” (GOETHE, 2017, p. 25). Segundo Rüdiger Safranski em *Goethe: La vida como obra de arte*, Goethe “es un acontecimiento en la historia del espíritu alemán” (SAFRANSKI, 2015, p. 21). Um poeta genial, que estimula seus leitores não somente com sua obra, mas, sobretudo, com sua vida. Ademais, é um grande escritor, e segundo a visão de Safranski um mestre da vida. Goethe desde muito jovem dedicou-se à palavra escrita, falada e também a pintada. “Era com o olho, mais do que qualquer outro órgão, que eu aprendia o mundo” (GOETHE, 2017, p. 270) Assim, com a palavra desvelou o mundo à sua volta.

As primeiras reflexões de Goethe sobre a arte datam do início de sua vida intelectual, quando foi inspirado pelo movimento *Sturm und Drang* e escreveu o *Werther*. Ainda jovem foi envolvido pela visão do belo romântico, como ele mesmo, de certa forma, admite: “quando fui a primeira vez à catedral, tinha a cabeça cheia de conhecimentos gerais de bom gosto. Eu louvei a harmonia das massas e a pureza das formas por ouvir falar, era um inimigo declarado das arbitrariedades confusas dos adornos” – essa visão é expressa em seu texto sobre a catedral de Estrasburgo, Sobre *a arquitetura alemã*, 1772, onde a percebe como a manifestação de uma arte alemã.

E assim, extasiado pela arquitetura de Erwin, diz: “isso que é arquitetura alemã, da qual o italiano não pode gabar-se e muito menos o francês” (GOETHE, 2008, p.45). Em sua juventude combateu o classicismo francês, como expõe Pedro Sússekind na introdução dos

Escritos de literatura de Goethe:

Goethe combateu em sua juventude o classicismo francês de Racine e Boileau, participando do *Sturm und Drang* por volta de 1770, e, décadas mais tarde, dedicou-se ao estudo da antiguidade clássica. Ele discutiu os temas da crítica do juízo, de Kant, logo após sua publicação em 1790, e meio século depois acompanhou o surgimento da filosofia da arte de Schelling e de Hegel (SÜSSEKUND, 2008, p. 09).

Nota-se que Goethe não se preocupou em formular uma teoria da arte ou um sistema estético, mas, com efeito, a reflexão artística foi constante em seu projeto intelectual. De início, sua visão sobre a arte é influenciada por uma visão romântica, mais tarde, a partir de suas viagens, principalmente à Itália. Será influenciado pelo classicismo greco-romano, o que lhe empolgou e, dessa forma, entrará em contato com outra face da arte (GOETHE, 2008, p. 12). A partir disso, podemos dividir seus escritos sobre a arte em três momentos: o período da juventude, do classicismo e da maturidade.

Um nome que merece destaque, fora Schiller com que manteve uma amistosa relação, é o alemão Herder. Ex-aluno de Kant e amigo de Goethe, Herder foi, ao lado de Hammann, o mais combativo adversário do Aufklärung na Alemanha. Afinal, sejamos embalados pela afirmação de Otto Maria Carpeaux: “entre todos os *bildungsromane* (romance de formação) da literatura alemã, o maior é a biografia de Goethe” (CARPEAUX, 2013, p. 73). Não obstante, suas principais obras do pré-romantismo são: *Goetz Von Berlichingen* (1773), *Die Leiden Des jungen Werther* (1774) – *Os Sofrimentos do jovem Werther*.

Um dos principais acontecimentos na vida de Goethe foi sua viagem à Itália, como mencionamos anteriormente, feita de 1786 a 1788. Foram dois anos de intensa transformação intelectual e pessoal em sua formação. Essa viagem mudou a forma de pensar e enxergar o mundo à sua volta. De acordo com a narrativa de Goethe em sua obra intitulada *Viagem à Itália*, ele renasceu. Ele mesmo considera sua chegada em Roma “um verdadeiro renascimento” (GOETHE, 1999, p.175), esse seu desvelamento, é metaforizado: “tudo que sabia antes é como se fosse sapatinho de criança” (GOETHE, 1999, p. 177). E, assim, segue seu aprendizado e contato com a arte Renascentista italiana. Em suas palavras:

O renascimento que me transforma de dentro para fora segue seu curso. Por certo, eu acreditava que fosse aprender de verdade aqui; mas não pensei que fosse ter de voltar à escola primária, que precisaria desaprender, ou verdadeiramente reaprender tanto. Disso já me encontro agora convencido, tendo-me entregado por completo a esse aprendizado, e quanto mais me vejo obrigado a negar a mim mesmo, tanto mais me alegro. Sou como um arquiteto que, desejando construir uma ponte, deu-lhe uma fundação ruim; a tempo, apercebe-se disso e demole o quanto já erguera; busca, então, ampliar e aperfeiçoar seu projeto, dar-lhe alicerces mais seguros e compraz-se já, de antemão, da indubitável solidez da futura construção (GOETHE, 1999, p. 178).

Diante do exposto, é possível compreender a intensidade da mudança que Goethe vivenciou. Sua metamorfose intelectual! Na metáfora, citada acima, o arquiteto expressa sua lucidez e reproduz sua posição aos novos aprendizados. Construção de uma ponte – *travessia* perante a vida e seu prazer da indubitável solidez da futura construção. De acordo com a visão

de mundo goethiana, o ser humano só conhece a si mesmo à medida que conhece o mundo, mundo que ele só percebe em si, e só percebe a si mesmo no mundo. O poeta de Weimar, com os olhos, ao aprender a enxergar, indagou-se e pôde refletir sobre o mundo que o cercava.

Ao pensar sobre a ontologia do ver, questionando o ato de pensar, Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Alberto Caeiro afirmou: “Creio no mundo como um malmequer/ porque vejo. Mas, não penso nele. Porque pensar é não compreender” (PESSOA, 1965, p. 204). O ver, o olhar se confunde com o pensar, na crítica ao pensar puramente racional. Para o poeta, pensar uma flor “é vê-la e cheirá-la”. Pensa-se com os “olhos e com os ouvidos” e até com as “mãos e os pés” (PAVIANI, 2009, p. 70). Assim, nessa perspectiva do ver, para onde olhava via um quadro, e sobretudo, nesse movimento entre a arte e o poético, entre a literatura e a filosofia deixou sua marcha e seu rastro na história. Sua primeira obra foi *Götz von Berlichingen* criando um personagem que luta contra as regras sociais. Walter Benjamin, em sua obra *Ensaio Reunidos: escritos sobre Goethe* esclarece que a obra expressa as divisões da burguesia alemã e seus conflitos com os valores aristocráticos, na peça, as cidades e as cortes se identificam com racionalismo iluminista, e assim, o líder da revolta dos camponeses personifica as principais ideias do movimento. Embora toda a grandiosidade de sua primeira obra não foi ela que marcou esse período, e sim, *Os sofrimentos do jovem Werther*, romance epistolar publicado em 1774. Obra que descreve a subjetividade e os sentimentos de Goethe, com características autobiográficas. De acordo com Pedro Sussekind, o romance é baseado em uma história de amor desafortunado de Goethe por Lotte Buff. Mas, de fato, se é autobiográfico ou não, não é objeto de nossa investigação. A sua vivência real, de um amor impossível, eternizou-se em poesia e literatura. Em *Werther* podemos encontrar muito da vida e dos pensamentos de Goethe. De acordo com uma de suas cartas para Eckermann no dia 02 de janeiro de 1824:

A propósito de Werther: “é uma criatura que, semelhante ao pelicano, alimentei com o sangue de meu próprio coração. São foguetes incendiários! Eles criam em mim um sentimento de mal-estar, e temo sentir de novo a situação patológica que os criou... Eu vivera, amara e sofrera muito! Seria grave se todos não tivessem uma vez na vida uma época em que Werther parecesse escrito para si” (ANGELLOZ, apud, 1998, p. 29).

Encontramos no livro uma relação de amor, Werther é o homem apaixonado, que encontra em seu destino um amor proibido, não sendo possível a relação de amor com Charlotte, comete suicídio. Há forte conexão com a poesia, a música, a filosofia, enfim, com a arte em geral. Apesar de Goethe não ter se considerado filósofo, suas reflexões, modo de pensar e viver em uma filosofia autêntica o fez ficar eternizado na história. Werther é uma das obras mais lidas e traduzidas, segundo Pedro Sussekind a segunda mais lida depois da Bíblia (SÜSSEKIND, 2008, p. 49). Não seria loucura dizer que a genialidade de Goethe aparece em Werther, e o próprio personagem é uma manifestação dos pensamentos do autor. Afirma Sussekind: “Goethe como um gênio, capaz de trazer das profundezas de seus sentimentos novas ideias, sem imitar a tradição” (SÜSSEKIND, 2008, p. 50). De acordo com Walter Benjamin, Goethe revela um tipo de autor genial. Isso significa dizer, que ele fez de seu mundo interior, um assunto público, traz à tona seus sentimentos mais íntimos e particulares. Na carta de 22 de maio, do primeiro livro Werther diz: “volto-me para mim mesmo, e encontro um mundo dentro de mim!” (GOETHE, 1998, p. 15), essa frase explica a ideia anteriormente mencionada, a criação da individualidade

dos pré-românticos. Uma vez que a “paixão é o ímpeto – *Drang*, que se espelha no íntimo da alma humana a tempestade, *Sturm*” (SÜSSEKIND, 2008, p.50). Werther como personagem marcou história, seu sofrimento atingiu milhares de leitores que se identificaram com sua dor e destino.

Certamente, o desejo de uma arte grandiosa na Alemanha, se deu principalmente no desdobramento da literatura. Portanto, “Goethe se tornou, já para seus contemporâneos, o parâmetro do gênio na poesia alemã, ou, em outras palavras, o Shakespeare alemão” (SÜSSEKIND, 2008, p. 91).

Nesse ínterim, a filosofia e a literatura caminhavam lado a lado na Alemanha do século XVIII. Representando todos os ideais do movimento, principalmente a exaltação do gênio e a exacerbação dos sentimentos. Precisamos esclarecer que a Alemanha do século XVII era um país sem propriedade cultural, isto é, sem cultura própria desenvolvida. A historiografia antiga, esclarece que o baixo nível da literatura alemã do século XVII, explica-se pelo fato da guerra de Trinta Anos ter devastado materialmente e espiritualmente o povo germânico. Com efeito, ainda podemos dizer, que essa premissa pode muito bem ser refutada, pois, de acordo com Carpeaux, a decadência começou muito antes da guerra, propriamente depois da morte de Lutero.

Com o Barroco houve um intenso momento de criação artística, como também o contato com o teatro shakespeariano, não de forma completa, foi somente com Wieland que isso se tornou possível. Otto Maria Carpeaux, em “*A história concisa da literatura alemã*” no que consta de sua história, por volta de 1700, a Alemanha era o único país da Europa civilizada que não possuía literatura alguma, e, por isso, os alemães apoiam-se nas produções dos seus vizinhos. Falavam na França que a língua alemã era língua para falar com criados e com cavalos. Podemos dizer que foi somente a partir de 1740, que na Alemanha passou a se falar de uma literatura genuinamente alemã. Como destaca Carpeaux, a literatura medieval alemã não pode competir em importância com a literatura italiana, por exemplo, com a de Dante, Petrarca ou Boccaccio. No entanto, a partir do século XVI surge uma literatura propriamente alemã, mas que foi interrompida pela “catástrofe do humanismo”, pela Reforma e pela Grande Guerra. Por isso, podemos afirmar que o desenvolvimento da literatura alemã começa a partir do século XVIII.

O *Aufklärung* *Esclarecimento*, em alemão, tinha por objetivo enaltecer a razão, no entanto, seu objetivo era não ferir as bases religiosas da igreja e do Estado, aliás, podemos dizer que a literatura alemã do século XVIII foi exclusivamente protestante. Há algumas exceções que precisam ser destacadas: a Suíça alemã e Hamburgo, que tinham suas particularidades, a primeira calvinista, e assim, com relações com o protestantismo da Europa Ocidental, quase liberalizada. A segunda ligada diretamente ao comércio inglês, dos livres-pensadores” (CARPEAUX, 2013, p.38). Ainda, destacamos que a literatura alemã e a literatura francesa clássica sempre tiveram uma ligação feliz até Lessing, e depois, essa relação será odiosa.

Um dos primeiros grandes imitadores da literatura francesa foi Johann Christoph Gottsched (1700-1766). Sem exageros, ele teve uma grande importância, mas queria anular o Barroco, e substituí-lo por regras racionalistas da literatura francesa clássica, interrompido, conforme veremos por Lessing. Gottsched tentou purificar o vocabulário, a ortografia, focando na gramática e sintaxe, mas fracassou. Carpeaux afirma: “sem ele a Alemanha não teria partido tão cedo da estaca zero” (CARPEAUX, 2013, p. 39). Outro nome de destaque foi o de Christian

Fuerchtegott Gellert (1715-1769), um poeta enaltecido por Rei Frederico. De acordo com Carpeaux, foi um dos primeiros poetas didáticos, que pretendeu ensinar o povo, ou seja, a classe média. Com suas fábulas e contos teve um sucesso enorme até na música de Beethoven apareceu, sua contribuição será notória para a abertura do caminho para a *Aufklärung*.

Nesse contexto, começam a surgir divergências entre os alemães. A literatura de Gottsched encontrou oposição nos suíços, pois usavam seus dialetos e isso irritou Leipzig. Johann Jakob Bodmer (1698- 1783) um dos mais influentes literatos de Zurique, volta-se para a poesia religiosa, e enfrenta a oposição de Gottsched. Os suíços enaltecem o nome de Friedrich Gottlieb Klopstock (1724 – 1803) para se opor-se a Leipzig. E, assim, podemos dizer que com Klopstock passou-se a conhecer uma literatura alemã. Como afirma Carpeaux, “é o primeiro grande poeta alemão que se tornou internacionalmente famoso” (CARPEAUX, 2013, p. 40).

Sua obra mais conhecida é chamada de *Der Messias - O Messias*. Mas, que posteriormente será esquecida, pois, Klopstock tornou-se quase ilegível, isso se deu porque as epopeias e principalmente as peças religiosas passaram a não ser leituras para o sujeito moderno. Como expõe Carpeaux: “o *Messias* é o verdadeiro ano de nascimento da literatura alemã” (CARPEAUX, 2013, p.41). Logo, é preciso realçar esse pensador. Embora, no período que segue, do Barroco ao Rococó, é a *poesia anacreôntica* que ganhará visibilidade. O Rococó alemão, foi pobre em poesia verdadeira, foi caracterizado pela poesia *anacreôntica*, onde permitia que pedantes eruditos, professores e pastores, sonhassem com amores e bacanais – imaginários.

Nesse cenário, merece destaque Friedrich von Hagedorn (1708 – 1754), Ludwig Gleim (1719-1803) e Salomon Gessner (1730 – 1788). Muitos nomes passaram a surgir com o Christoph Martin Wieland (1733- 1813). A literatura alemã do século XVIII pode ser dividida em duas fases, “antes de Shakespeare-Wieland e depois de Shakespeare-Wieland” (CARPEAUX, 2013, p. 45). Wieland é um dos grandes nomes desse período com grande erudição clássica. Seu primeiro romance de formação foi a história de *Jovem Agathon*, romance lido na Alemanha como obra de erudição admirável. Narra a história de um jovem, rompendo com a religiosidade tradicional, passa pelo libertinismo chegando a um gozo razoável da vida. Além disso, podemos destacar seu livro *O espelho de Ouro*, onde discorre sobre a educação dos príncipes. Sua obra foi um dos fatores para ser convidado a estar em Weimar, onde conheceu e estabeleceu vizinhança com Herder, Goethe e Schiller.

Sem dúvidas, sua contribuição é deveras significativa, no domínio da língua inglesa traduziu Lawrence Sterne. Contudo, a sua principal tradução foi a de William Shakespeare, traduziu vinte e duas peças em prosa de trinta e seis, desfigurando um pouco a poesia shakespeariana. A poesia aparecerá somente com Herder, onde irá exaltar o caráter poético de Shakespeare. Os jovens Goethe e Schiller leram a tradução de Wieland de Shakespeare, dando início ao desenvolvimento literário na Alemanha do século XVIII.

Outro nome que merece um maior destaque é Gothold Ephraim Lessing (1729-1781). Pensador que teve uma vida trágica, que segundo Carpeaux é o maior escritor alemão do século XVIII, inaugurou uma atividade na Alemanha: a crítica. Com efeito, a crítica também foi atividade de seu contemporâneo Immanuel Kant. No entanto, a de Lessing é voltada propriamente aos acontecimentos literários e teatrais. É famosa a afirmação da francesa Madame de Staël (1766 – 1817) que a Alemanha, ao contrário dos outros países, como exemplo a França, desenvolveu-se

primeiramente a crítica, ou seja, nasceu primeiro a crítica da obra de arte antes da própria obra.

Com uma vida catastrófica, viveu de maneira precária e sempre se envolvendo em polêmicas. Sua primeira grande divergência foi contra Gottsched. Um bom exemplo de seu caráter polemista, é a carta número 17 das *Cartas relativas à novíssima Literatura* quando afrontou Gottsched. Negando-o, começou suas ligações conflituosas com os cânones ditos ‘clássicos’. É importante destacar, de acordo com Pedro Sússekind, que Lessing além de crítico literário e teatral, foi o fundador da dramaturgia alemã moderna” (SÜSSEKIND, 2008, p. 35).

Ainda, pode ser considerado um dos primeiros representantes da burguesia a viver como escritor independente. Em 1748 a sua primeira peça, *O jovem Sábio* foi encenada. Foi em 1755 que publicou sua primeira tragédia, *Miss Sara Sampson*, considerada a primeira tragédia burguesa. Uma das características peculiares é a quebra de um padrão, no lugar de representar a monarquia, a cena central é em torno de uma família burguesa. Sua comédia não é bem “comédia”, pois não provocou o riso da plateia, em *Minna von Barnhelm*, de 1767, esta obra representa a Guerra dos Setes Anos na sociedade de Breslau. Em 1766, publicou *Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia*, apresentando suas teses sobre teoria da arte. Com seu trabalho em Hamburgo de comentarista no *Teatro Nacional de Hamburgo*, reuniu cerca de 104 textos, que posteriormente foram reunidos em sua obra *“Dramaturgia de Hamburgo - 1769*. O texto que faz uma crítica aos autores alemães apresentados na casa, dessa sua obra, podemos dar ênfase a (re) leitura que faz da *Poética* de Aristóteles. Em especial, a finalidade da tragédia, Lessing chama a atenção para um equívoco de tradução, isto é, no sexto parágrafo da *Poética*, onde consta que a finalidade da tragédia é a catarse “suscitando o terror e piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções” (ARISTÓTELES, 1991, p. 205) com efeito, no lugar do termo terror sugeriu a substituição por medo, *phobos*. Este é um dos pontos cruciais de sua leitura e crítica principalmente a interpretação de Corneille. Suas principais obras foram escritas em Wolfenbüttel, *Emília Galloti* - 1772, e *Nathan o sábio* – 1779. Cabe salientar, então, que Lessing foi um escritor independente, representou uma quebra de paradigmas, isto é, uma burguesia contra os padrões dominantes da corte, sendo um dos precursores do movimento de afirmação da cultura alemã, enaltecendo o processo criativo, contra a imitação dos franceses, processo feito também por Winckelmann. Concomitante a isso, Sússekind afirma: “ao se revoltar contra Gottsched e contra a dramaturgia clássica de Corneille, valorizando Shakespeare em defesa do teatro nacional alemão, ele antecipou as divisas do *Sturm und Drang*, formuladas depois por Herder, Lenz, Goethe e Schiller” (SÜSSEKIND, 2008, p. 38). Carpeaux afirma ser Lessing o maior escritor alemão do século XVIII (CARPEAUX, 2013, p. 48). É importante ressaltarmos que uma de suas principais contribuições com relação à poesia é a quebra do lema *pictura ut poesis – a pintura é como a poesia*. Esse lema quebra, rasga o entendimento sobre a poesia e das demais artes. A sua crítica está presente em seu último texto *A educação do gênero humano*, publicado na sua versão completa em 1780, de caráter religioso, comparando a evolução humana com as religiões, na infância – o judaísmo, e na juventude da humanidade, o cristianismo.

Em suma, sempre estamos lidando com o que nos escapa e, por isso, chegamos a uma certa in-conclusão ao percorrer o século XVIII na Alemanha, que foi marcado por diversos eventos e nomes que modificaram a forma de pensar e ver o mundo. A intenção de criar uma cultura essencialmente alemã foi motivada por uma admiração e superação dos gregos antigos,

especialmente do período helenístico.

Por fim, vimos que “Werther” é a obra que exalta todos os ideais dos pré-românticos alemães, uma vez que revela a dor e o sofrimento da natureza humana, absorvendo a paixão do mundo na dor criativa de um gênio. Como afirma Carpeaux (2013), assim como todo pré-romantismo europeu, o dos alemães também foi uma revolta do sentimento contra a razão e do sentimentalismo contra o racionalismo. Dessa forma, percebemos que a ruptura e o encanto dos filósofos e poetas foram contrapostos à exaltação do racionalismo, especialmente dos pensadores franceses do século XVIII. Goethe e Schiller são os autores mais importantes que participaram do *Sturm und Drang*; também foram os únicos que o superaram, tornando-se os protagonistas em outras fases da literatura alemã. Portanto, em consonância com Carpeaux, os pré-românticos alemães pretenderam viver e escrever sem e contra as regras da sociedade e da literatura do século; *por isso julgam-se “gênios”*.

Referências

ANGELLOZ, Joseph- François. *Prefácio in Os sofrimentos do jovem Werther* tradução Marion Fleischer. 2-ed. São Paulo: Martins fontes, 1998.

CARPEAUX, Otto Maria. *A história concisa da literatura alemã*. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Ensaio Reunidos: Escritos sobre Goethe*. Tradução Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidinego. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34. 2009.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

GOETHE, J. W. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Abril. 2010.

GOETHE, J. W. *Escritos sobre arte*. Introdução e tradução de Marco Aurélio. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2008.

GOETHE, J. W. *Escritos sobre Literatura*. Tradução e organização Pedro Sússekind. 2 ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

GOETHE, J. W. *De minha Vida: poesia e Verdade*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GOETHE, J. W. *Fausto uma tragédia. Primeira parte*. São Paulo: Editora 34, 2016.

PAVIANI, Jayme. *Traços filosóficos e literários nos textos*. in *Filosofia e Literatura: uma relação transacional*. Organizadores: Luiz Rohden e Cecília Pires. Injuí: Unijuí, 2009.

SAFRANSKI, R. *La vida como obra de arte*. Tradução de Raúl Gabás. Barcelona: Tusquets editores, s.a, 2015.

ROSENFELD, Anatol. *Autores pré-românticos alemães*. São Paulo, EPU, 1992.

SÜSSEKIND, Pedro. *Shakespeare: o gênio original*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.